

VAGUEZA¹

Bertrand Russell

Traduzido por Fabrício Pires Fortes*

Recebido: 01/2017
Aprovado: 06/2017

A reflexão sobre problemas filosóficos tem me convencido de que um número muito maior deles do que eu costumo pensar, ou do que é geralmente pensado, está conectado a princípios de simbolismo, isto é, à relação entre o que significa (*what means*) e o que é significado (*what is meant*). Tratando de assuntos altamente abstratos, é muito mais fácil compreender os signos (usualmente palavras) do que compreender aquilo pelo que eles estão. O resultado disso é que quase todo o pensamento que se pretende filosófico ou lógico consiste em atribuir ao mundo as propriedades da linguagem. Uma vez que a linguagem realmente ocorre, ela tem obviamente todas as propriedades comuns a todas as ocorrências, e, nesse sentido, a metafísica baseada em considerações linguísticas não pode ser errônea. Mas a linguagem tem muitas propriedades as quais não são compartilhadas pelas coisas em geral, e quando essas propriedades invadem nossa metafísica, elas se tornam, em conjunto, enganosas. Não penso que o estudo dos princípios do simbolismo produzirá algum resultado *positivo* em metafísica, mas penso que produzirão muitos resultados num sentido negativo, habilitando-nos a evitar inferências falaciosas dos símbolos para as coisas. A influência do simbolismo é, sobretudo, inconsciente; se fosse consciente, seria menos prejudicial. Pelo estudo dos princípios do simbolismo, podemos aprender a não ser inconscientemente influenciados pela linguagem, e desse modo podemos escapar de uma série de noções errôneas.

A vagueza, que é o meu tópico esta noite, ilustra essas considerações. Vocês sem dúvida pensarão que, nas palavras do poeta: “Aquele que fala sobre a vagueza deve, ele mesmo, ser vago”. Eu me proponho a provar que toda linguagem é vaga, e que, portanto, minha linguagem é vaga, mas eu não desejo que essa conclusão seja algo a que se possa chegar sem a ajuda do simbolismo. Serei tão pouco vago quanto sei que sou quando devo empregar a língua inglesa. Todos vocês sabem que eu inventei uma linguagem especial com vistas a evitar a vagueza, mas infelizmente ela é inadequada para ocasiões públicas. Devo, portanto, ainda que lamentavelmente, dirigir-me a vocês em inglês, e seja qual for a vagueza que possa ser encontrada em minhas palavras deve ser atribuída a nossos antepassados, por não terem sido predominantemente interessados em lógica.

Há uma certa tendência, entre aqueles que se deram conta de que as palavras são vagas, de inferir que as coisas também são vagas. Ouve-se muito sobre o fluxo e o contínuo e sobre a impossibilidade de se analisar o Universo,

* Possui Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestrado e Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Foi Professor Substituto do Departamento de Filosofia da UFBA. Atualmente, é bolsista CAPES/COFECUB em estágio pós-doutoral junto ao Institut d'Histoire et de Philosophie des Sciences et des Techniques da Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne.

Problemata: R. Intern. Fil. V. 8. n. 2 (2017), p. 263-271 ISSN 2236-8612

doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v8i2.32538>

e é amiúde sugerido que à medida que nossa linguagem se torna mais precisa, torna-se menos apta a representar o caos primitivo do qual o homem deveria ter desenvolvido o cosmos. Isso me parece precisamente um caso da falácia do verbalismo – a falácia que consiste em confundir as propriedades das palavras com as propriedades das coisas. Vagueza e precisão são igualmente características que podem pertencer apenas à representação, da qual a linguagem é um exemplo. Aquilo que tem a ver com a relação entre uma representação e aquilo que ela representa. Fora da representação, seja ela cognitiva ou mecânica, não pode haver tal coisa como vagueza ou precisão; as coisas são o que são, e há um fim para isso. Nada é mais ou menos do que é, ou, até certo ponto, mais ou menos possuidor das propriedades que possui. O idealismo produziu hábitos de confusão mesmo nas mentes daqueles que pensam tê-lo rejeitado. Desde Kant, tem havido uma tendência na filosofia a confundir o conhecimento com o que é conhecido. Pensa-se que deve haver algum tipo de identidade entre aquele que conhece e o que é conhecido, e que, portanto, aquele que conhece infere que o que é conhecido é também confuso. Toda essa identidade entre o que conhece e o que é conhecido, e toda essa suposta intimidade da relação de conhecer, parece-me uma ilusão. Conhecer é uma ocorrência que tem uma certa relação com alguma outra ocorrência, ou grupos de ocorrências, ou característica de um grupo de ocorrências, que constituem o que se diz ser conhecido. Quando o conhecimento é vago, ele não se aplica àquele que conhece como uma ocorrência; como uma ocorrência ele é incapaz de ser ou vago ou preciso, tal como todas as outras ocorrências são. A vagueza, em uma ocorrência cognitiva, é uma característica da sua relação com aquilo que é conhecido, e não uma característica da ocorrência em si mesma.

Permitam-nos considerar as várias maneiras pelas quais as palavras comuns são vagas, começando com uma palavra tal como “vermelho”. É perfeitamente óbvio, uma vez que as cores formam um *continuum*, que há tons de cor a respeito dos quais podemos ter dúvidas sobre se os chamamos de vermelho ou não, não por sermos ignorantes acerca do significado da palavra “vermelho”, mas porque ela é uma palavra cuja extensão é essencialmente incerta. Isso, é claro, é a resposta ao velho enigma sobre o homem que ficou careca. Supõe-se que no início ele não era careca, que ele perdeu seus cabelos um a um, e que no fim ele ficou careca; no entanto, argumenta-se que deve ter havido um fio de cabelo cuja perda o converteu em um homem careca. Isso, certamente, é absurdo. Calvície é um conceito vago; alguns homens são certamente carecas, outros, certamente não, enquanto entre eles há homens dos quais não é verdadeiro dizer que sejam ou não carecas. A lei do terceiro excluído é verdadeira quando são empregados símbolos precisos, mas não

quando são empregados símbolos vagos, como, de fato, todos os símbolos são. Todas as palavras que denotam qualidades sensíveis têm o mesmo tipo de vagueza que pertence à palavra “vermelho”. Essa vagueza existe, embora em menor grau, nas palavras quantitativas as quais a ciência tentou fazer maximamente precisas, tais como um metro ou um segundo. Não vou invocar Einstein para o propósito de tornar essas palavras vagas. O metro, por exemplo, é definido como a distância entre duas marcas em um certo bastão em Paris, quando esse bastão está em uma certa temperatura. Agora as marcas não são pontos, mas manchas de um tamanho finito, de tal modo que a distância entre elas não é uma concepção precisa. Ademais, a temperatura não pode ser medida com mais que um certo grau de acurácia (*accuracy*), e a temperatura de um bastão nunca é muito uniforme. Por todas essas razões, a concepção de um metro é carente de precisão. O mesmo se aplica a um segundo. O segundo é definido em relação com a rotação da terra, mas a terra não é um corpo rígido, e duas partes da superfície da terra não levam exatamente o mesmo tempo para rodar; além disso, todas as observações têm uma margem de erro. Há algumas ocorrências das quais podemos dizer que levam menos de um segundo para acontecer, e outras das quais podemos dizer que levam mais, mas entre as duas haverá um número de ocorrências das quais acreditamos que não duram igualmente, mas de nenhuma delas podemos dizer se dura mais ou menos de um segundo. Portanto, quando dizemos que uma ocorrência dura um segundo, tudo o que vale a pena dizer é que nenhuma acurácia possível de observação mostrará se ela dura mais ou menos de um segundo.

Agora, permitam-me abordar os nomes próprios. Não me deterei no fato de que o mesmo nome próprio muitas vezes pertence a muitas pessoas. Uma vez eu conheci um homem chamado Ebenezer Wilkes Smith, e eu me recuso a acreditar que qualquer outra pessoa alguma vez tenha tido esse nome. Vocês podem dizer, portanto, que aqui ao menos descobrimos um símbolo não-ambíguo. Isso, no entanto, seria um erro. O Sr. Ebenezer Wilkes Smith nasceu, e nascer é um processo gradual. Poderia parecer natural supor que o nome não pode ser atribuído antes do nascimento; se é assim, houve dúvida, enquanto o nascimento ocorria, se o nome poderia ser atribuído ou não. Caso se diga que o nome foi passível de atribuição antes do nascimento, a ambiguidade é ainda mais óbvia, uma vez que ninguém pode decidir quanto tempo antes o nome passa a poder ser atribuído. A morte é também um processo: mesmo quando é o que chamamos de instantânea, a morte deve ocupar um tempo finito. Se continuamos a aplicar o nome ao cadáver, deve chegar gradualmente a um estágio de decomposição em que o nome deixa de poder ser atribuído, mas não se pode dizer precisamente quando esse estágio

foi atingido. O fato é que todas as palavras podem ser atribuídas sem dúvida sobre uma certa área, mas tornam-se questionáveis no interior de uma penumbra, fora da qual elas não são, outra vez, passíveis de atribuição. Pode-se procurar obter precisão no uso das palavras dizendo que nenhuma palavra é aplicável na penumbra, mas infelizmente esta última, por sua vez, tampouco é acuradamente definível, e toda a vagueza que se aplica ao uso primário das palavras se aplica também quando tentamos fixar um limite para a sua aplicabilidade. Isso tem uma razão em nossa constituição psicológica. Os estímulos que por várias razões acreditamos serem diferentes produzem em nós sensações indistinguíveis. Não é claro se as sensações elas mesmas são às vezes idênticas em aspectos relevantes mesmo quando os estímulos diferem em aspectos relevantes. Esse é um tipo de questão a qual a teoria dos quantas em um estágio muito adiantado de desenvolvimento pode estar apta a responder, mas presentemente isso será deixado em dúvida. Para o nosso propósito, essa não é a questão vital. O que está claro é que o conhecimento que podemos obter através de nossas sensações não é tão refinado quanto os estímulos dessas sensações. Nós não podemos ver a olho nu a diferença entre dois copos de água dos quais um está saudável e o outro repleto de bacilos tifoide. Nesse caso, um microscópio nos habilita a ver a diferença, mas na ausência de um microscópio, a diferença apenas é inferida dos diferentes efeitos das coisas as quais são sensivelmente indistinguíveis. Esse é o fato de que as coisas as quais nossos sentidos não distinguem produzem efeitos diferentes – como, por exemplo, um copo de água causa febre tifoide enquanto o outro não – isso nos leva a considerar que o conhecimento derivado dos sentidos é vago. E a vagueza do conhecimento derivado dos sentidos infecta todas as palavras em cujas definições há um elemento sensível. Isso inclui todas as palavras que contêm constituintes geográficos ou cronológicos, tais como “Julius Caesar”, “o século vinte” ou “o sistema solar”.

Resta ainda uma classe mais abstrata de palavras: primeiro, as palavras que se aplicam a todas as partes do tempo e do espaço, tais como “matéria” ou “causalidade”; segundo, as palavras da lógica pura. Devo deixar de fora da discussão a primeira classe de palavras, uma vez que todas elas levantam grandes dificuldades, e eu dificilmente poderia imaginar um ser humano que negaria que todas elas são mais ou menos vagas. Chego, portanto, às palavras da lógica pura, palavras como “ou” e “não”. Essas palavras são vagas ou elas têm um significado preciso?

Palavras como “ou” e “não” podem parecer, à primeira vista, ter um significado perfeitamente preciso: “ p ou q ” é verdadeiro quando “ p ” é verdadeiro, quando “ q ” é verdadeiro, e falso quando ambos são falsos. Mas o problema é que isso envolve as noções de “verdadeiro” e “falso”; e com isso

descobriremos, penso eu, que todos os conceitos da lógica envolvem essas noções, direta ou indiretamente. Ora, “verdadeiro” e “falso” só podem ter um significado preciso quando os símbolos empregados – palavras, percepções, imagens ou seja lá o que for – são eles mesmos precisos. Vimos que, na prática, isso não é o caso. Daí se segue que todas as proposições que possam ser concebidas na prática têm um certo grau de vagueza; isto é, não há um fato definido, necessário e suficiente, para a sua verdade, mas uma certa região de possíveis fatos, cada um dos quais podendo torná-las verdadeiras. E essa região é, ela mesma, mal definida: não se pode atribuir a ela uma fronteira definida. Essa é a diferença entre vagueza e generalidade. Uma proposição envolvendo um conceito geral – por exemplo, “Isto é um homem” – pode ser verificada por um número de fatos, tais como “Isto” se referir a Brown ou a Jones ou a Robinson. Mas se “homem” fosse uma ideia precisa, o conjunto de possíveis fatos que dariam conta da verificação de “Isto é um homem” seria muito definido. Não obstante, uma vez que a concepção “homem” é mais ou menos vaga, é possível descobrir espécimes pré-históricos acerca dos quais não há, mesmo na teoria, uma resposta definida para a pergunta “Isto é um homem?” Aplicada a tais espécimes, a proposição “isto é um homem” não é definitivamente verdadeira nem definitivamente falsa. Levando em conta que todas as palavras não-lógicas têm esse tipo de vagueza, segue-se que as concepções de verdade e falsidade, enquanto aplicadas a proposições compostas por, ou contendo, palavras não-lógicas, são elas mesmas mais ou menos vagas. Uma vez que as proposições que contém palavras não-lógicas são a base sobre a qual as proposições lógicas são construídas, segue-se que também as proposições lógicas, até onde podemos saber, tornam-se vagas através da vagueza de “verdadeiro” e “falso”. Podemos ver um ideal de precisão, do qual podemos nos aproximar indefinidamente; mas não podemos atingir esse ideal. As palavras lógicas, como todas as outras, quando usadas por seres humanos, compartilham a vagueza de todas as outras palavras. Há, no entanto, menos vagueza acerca das palavras lógicas do que acerca das palavras da vida diária, porque as palavras lógicas se aplicam essencialmente a símbolos, e podem ser concebidas como sendo aplicadas a símbolos possíveis em vez de a símbolos atuais. Somos capazes de imaginar o que seria um simbolismo preciso, embora não possamos realmente construir um tal simbolismo. Consequentemente, estamos aptos a *imaginar* um significado preciso para palavras tais como “ou” e “não”. Podemos, de fato, ver precisamente o que elas significariam se nosso simbolismo fosse preciso. Toda a lógica tradicional assume habitualmente que signos precisos são empregados. Isso, contudo, não é aplicável a essa vida terrestre, mas apenas a uma existência celestial imaginada. No entanto, em que essa vida celestial

diferiria da nossa, no tocante às preocupações da lógica, não diria respeito à natureza do que é conhecido, mas apenas ao quão acurado é o nosso conhecimento. Portanto, se a hipótese de um simbolismo preciso nos habilita a esboçar algumas inferências quanto ao que é simbolizado, não há razão para desconfiar de tais inferências meramente sobre a base de que o simbolismo de que efetivamente dispomos não é preciso. Estamos aptos a conceber a precisão; com efeito, se não pudéssemos fazê-lo, não poderíamos conceber a vagueza, a qual é meramente o contrário da precisão. Essa é uma razão pela qual a lógica leva-nos mais perto do céu que a maioria dos outros estudos. Nesse ponto, concordo com Platão. Mas aqueles que não gostam de lógica irão, temo eu, achar meu céu decepcionante.

Agora é hora de enfrentar a definição de vagueza. A vagueza, embora seja primariamente aplicada àquilo que é cognitivo, é uma concepção aplicável a todo tipo de representação – por exemplo, uma fotografia, ou uma barografia. Mas antes de definir a vagueza, é necessário definir acurácia. Uma das definições de acurácia mais facilmente inteligíveis é a seguinte: uma estrutura é uma representação acurada de outra quando as palavras que a descrevem também descreverão a outra por novos significados dados. Por exemplo, “Brutus matou Caesar” tem a mesma estrutura de “Platão amava Sócrates”, pois ambas podem ser representadas pelo símbolo “ xRy ”, atribuindo significados adequados para x , R e y . Mas essa definição, embora fácil de entender, não dá a essência da acurácia, uma vez que a introdução de palavras para descrever os dois sistemas é irrelevante. A definição exata é a seguinte: um sistema de termos relacionados de vários modos é uma representação acurada de outro sistema de termos relacionados de vários outros modos se há uma relação um-para-um entre os termos de um e os do outro, e, outrossim, se há uma relação um-para-um entre as relações de um e as do outro, de tal modo que, quando dois ou mais termos em um sistema têm uma relação pertencente a esse sistema, os termos correspondentes do outro sistema têm a relação correspondente pertencente ao outro sistema. Mapas, gráficos, fotografias, catálogos, etc. todos se enquadram nessa definição na medida em que são acurados.

Per contra, uma representação é vaga quando a relação entre o sistema representante e o sistema representado não é um-para-um, mas um-para-muitos. Por exemplo, uma fotografia que é tão borrada que pode igualmente representar Brown, Jones ou Robinson é vaga. Um mapa de pequena escala é normalmente mais vago que um mapa de grande escala, pois não mostra todas as curvas e voltas das estradas, rios, etc. de modo que vários cursos levemente diferentes são compatíveis com a representação que é dada. A vagueza, claramente, é uma questão de grau, dependendo da extensão das

possíveis diferenças entre diferentes sistemas representados pela mesma representação. A acurácia, pelo contrário, é um limite ideal.

Passando da representação em geral para os tipos de representação que são especialmente interessantes ao lógico, o sistema representante consistirá em palavras, percepções, pensamentos, ou algo do tipo, e o que seria a relação um-para-um entre o sistema representante e o sistema representado será o significado. Em uma linguagem acurada, o significado seria uma relação um-para-um; nenhuma palavra teria dois significados, e nenhum par de palavras teria o mesmo significado. Nas linguagens ordinárias, como vimos, o significado é um-para-muitos. (Muitas vezes ocorre que duas palavras tenham o mesmo significado, mas isso é facilmente evitável, e pode-se presumir que não ocorra sem ferir o argumento.) Em outras palavras, não há apenas um objeto que uma palavra signifique, e não apenas um possível fato que tornará uma proposição verdadeira. O fato de que o significado é uma relação um-para-muitos é a ratificação precisa do fato de que toda linguagem é mais ou menos vaga. Há, contudo, uma complicação acerca da linguagem como um método para representar um sistema, a saber, que as palavras que significam relações são elas mesmas relações, mas tão substanciais ou insubstanciais quanto outras palavras. A respeito disso, um mapa, por exemplo, é superior à linguagem, uma vez que o fato de que um lugar está a oeste de outro é representado pelo fato de que o lugar correspondente no mapa está à esquerda do outro; isto é, uma representação é representada por uma relação. Mas em uma linguagem, isso não é o caso. Certas relações de ordem superior são representadas por relações, de acordo com as regras da sintaxe. Por exemplo, “A precede B” e “B precede A” têm significados diferentes, pois a ordem das palavras é uma parte essencial do significado da sentença. Mas isso não se dá com as relações elementares; a palavra “precede”, embora signifique uma relação, não é uma relação. Creio que esse simples fato está no fundo da confusão sem esperanças que prevaleceu em todas as escolas de filosofia quanto à natureza das relações. Seria, talvez, ir longe demais do meu presente tema perseguir essa linha de raciocínio.

Pode-se dizer: como vocês sabem que todo conhecimento é vago, e de que importa se é? O caso a que me referi anteriormente, de dois copos de água, um dos quais é saudável enquanto o outro faz contrair febre tifoide, ilustrará ambos os pontos. Sem olhar no microscópio, é óbvio que não se pode distinguir o copo saudável daquele que transmite febre tifoide, assim como, sem olhar no telescópio, é óbvio que o que se vê de um homem a 180 metros de distância é vago comparado ao que se vê de um homem que está a meio metro de distância; isto é, muitos homens que parecem muito diferentes quando vistos de perto parecem indistinguíveis quando vistos à distância,

enquanto homens que parecem diferentes à distância nunca parecem indistinguíveis quando vistos de perto. Portanto, de acordo com a definição, há menos vagueza na aparição próxima do que há na distante. Há ainda menos vagueza na aparição sob o microscópio. É perfeitamente comum fatos desse tipo que provam a vagueza da maior parte do nosso conhecimento, e levam-nos a inferir a vagueza de todo ele.

Seria um grande erro supor que o conhecimento vago deve ser falso. Pelo contrário, uma crença vaga tem uma chance maior de ser verdadeira que uma crença precisa, pois há mais fatos possíveis que a podem torná-la verdadeira. Se eu acredito que algo é alto, estou mais próximo de estar certo do que se acredito que sua altura é de 1,88m a 1,91m. Em relação a crenças e proposições, embora não em relação a palavras isoladas, podemos distinguir entre acurácia e precisão. Uma crença é *precisa* quando apenas um fato pode torná-la verdadeira; é *acurada* quando é tanto precisa quanto verdadeira. A precisão diminui a probabilidade de verdade, mas muitas vezes aumenta o valor pragmático de uma crença se ela é verdadeira – por exemplo, no caso da água que contém bacilos tifoide. A ciência está perpetuamente tentando substituir crenças mais precisas por crenças vagas; isso torna mais difícil para uma proposição científica ser verdadeira do que para as crenças vagas de pessoas ignorantes, mas faz a verdade científica valer mais à pena se ela pode ser obtida.

A vagueza no nosso conhecimento, creio eu, é meramente um caso particular de uma lei geral da física, a saber, que o que pode ser chamado as aparições de uma coisa em diferentes lugares são mais ou menos diferenciadas de acordo com o quão distantes estamos da coisa. Quando falo em “aparições”, estou falando de algo puramente físico – o tipo de coisa, de fato, que se é visual, pode ser fotografada. De uma fotografia em *close-up* é possível inferir uma fotografia do mesmo objeto a distância, enquanto a inferência contrária é muito mais precária. Em outras palavras, há uma relação um-para-muitos entre aparições distantes e em *close-up*. Portanto, a aparição a distância, considerada como uma representação da aparição em *close-up*, é vaga de acordo com nossa definição. Penso que toda vagueza na linguagem e no pensamento é essencialmente análoga a essa vagueza que pode existir em uma fotografia. Minha própria crença é de que a maioria dos problemas da epistemologia, na medida em que são genuínos, são na realidade problemas da física e da psicologia; ademais, creio que a fisiologia é apenas um ramo complicado da física. O hábito de tratar o conhecimento como algo misterioso e maravilhoso parece-me infeliz. As pessoas não dizem que um barômetro “sabe” quando vai chover; mas eu duvido que haja alguma diferença essencial a esse respeito entre o barômetro e o meteorologista que o observa. Só há

uma teoria filosófica que me parece estar em uma posição que pode ignorar a física, e é o solipsismo. Se você quer acreditar que nada existe exceto o que você experimenta diretamente, nenhuma outra pessoa pode provar que você está errado, e provavelmente não existam argumentos válidos contra o seu ponto de vista. Mas se você permitir alguma inferência do que você experimenta diretamente para outras entidades, então a física fornece a forma mais segura para tais inferências. E creio que (afora os ilegítimos problemas derivados de simbolismos mal entendidos) a física, na sua forma moderna, fornece os materiais para responder a todos os problemas filosóficos que podem ser respondidos, exceto o problema levantado pelo solipsismo, a saber: há alguma inferência alguma vez válida que permita passar de uma entidade experienciada para uma inferida? Para esse problema, não vejo refutação à posição cética. Mas a filosofia cética é tão restrita que se torna desinteressante; portanto, é natural, para uma pessoa que aprendeu a filosofar, trabalhar com outras alternativas, mesmo que não haja qualquer bom fundamento para as considerar preferíveis.

¹ Título original: "Vagueness". Leitura proferida por Russell na Universidade de Oxford em 25 de novembro de 1922 e originalmente publicada em *The Australasian Journal of Psychology and Philosophy*, 1 (1923): 84-92. Posteriormente, foi incluído também em *The Collected Papers of Bertrand Russell*, vol. 9. London / Boston: Unwin Hyman, 1988, p. 147-154.